UM STUDART ILUSTRE

RAIMUNDO GIRÃO

São muitos os Studart que se ilustraram, nas letras, na política, nas profissões liberais e na finura social. É família de nível alto, formando linhagem que orgulha o Ceará e o Brasil.

Vêm dum inglês, aos 24 anos de idade chegado a Fortaleza, em 1840 com o fim de aqui trabalhar no comércio. Era John William Studart, que se casou com a cearense Leonísia de Castro Barbosa, descendente dos Castro e Silva e Barbosas aristocráticos, originários do Aracati.

Entre eles, o maior deles, o Barão de Studart, notável no estudo e documentação da história cearense: ninguém o excedeu nesse caminho, em que muitos canhestros se intrometem audaciosos. Todo passado do Ceará se retrata nas obras do Barão. Obras de profundidade, de legitimidade e enorme extensão que ainda é precioso "vade-mecum" de consultas e orientações.

Entre eles, esse outro — Eduardo Guilherme Oswaldo Studart, nascido nesta Capital em 21 de outubro de 1863. Comemora-se agora portanto, o seu primeiro centenário de nascimento, o que não deve passar em branca nuvem nesse atribulado momento da vida nacional, os espíritos inquietos e os corações aflitos por fôrça da insanidade dos nossos homens públicos e dos choques tempestuosos das ideologias político-sociais emociónamente excitadas, sem uma pausadinha sequer para as meditações construtivas.

Cem anos faz desde aquele dia em que respirou essas brisas, suaves, descaniculantes do mar verde o filho do inglês. Sorvendo-a sadia nos pulmões, brincou e cresceu e, ainda menino, foi instruir-se e educar-se no Colégio São José da Bahia, em que se transformara o célebre e modelar Ginásio Baiano, do professor Abílio César Borges depois Barão de Macaúbas.

Em 1883, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, e nela se bacharelou em 1886. Foi magistrado depois de ter ocupado as Promotorias Públicas de Tauá e Viçosa. A magistratura exerceu-a em cidades do Maranhão e do Piauí, sofrendo incompreensões e distribuindo justiça.

Voltando para terra do berço, que amava tanto, foi eleito deputado à Assembléia Estadual, na vaga deixada, em 1899, pelo Padre Francisco José da Silva Carvalho. Reeleito para a legislatura 1901-1904, mas antes de terminar o quadriênio, vai pelos votos de seus

coestaduanos representá-los na Câmara Federal. Lá, dá brilho à investidura, com o seu bom senso e o seu cultivado talento.

Retorna, em 1905, aos místeres judicantes agora no espinhoso cargo de Juiz Seccional no Ceará, para o que tivera de renunciar ao mandato eletivo. Desse mesmo cargo aposentou-se sem, no entanto deixar de regressar à atividade política, eleito que foi deputado federal para o período de 1915-1918.

Foi lente de Direito Comercial e Economia Política da extinta Escola de Comércio anexa ao Liceu do Ceará, Cônsul da Bélgica e um dos fundadores da Academia Cearense de Letras, como se sabe a primeira das Academias de Letras do Brasil, instalada em 15 de agosto de 1894. Formando ao lado de Eduardo Studart nessa vitoriosa lança-em-África, estiveram o irmão Barão de Studart e mais, afora outros Farias Brito, Justiniano de Serpa, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Antônio Augusto de Vasconcelos, Virgílio de Morais, Pedro de Queirós, Raimundo de Arruda, José de Barcelos, Franco Rabelo, Eduardo Salgado, Pe. Valdivino Nogueira, Antônio Teodorico da Costa, Antônio Bezerra. A Academia continua rica de reflorestamentos, reunindo uma nata de intectuais de mérito.

Eduardo Studart faleceu, em avançada idade, no Rio de Janeiro, sempre digno, sempre lúcido, sempre respeitado. Todos que passavam pela Rua Bambina, naquela cidade podiam observar, muito limpo de roupa e sentado com aprumo, cabelos da cor de neve, o velhinho Studart, qual o passado enfiado no presente, a cumprimentar com a lhaneza característica de seu trato a quantos o cumprimentavam, num gesto de apreço à uma tradição de sereni. dade e boa compustura, quer na vida pública, quer na vida particular.

Realmente, o Studart Eduardo soube manter sempre integral a verticalidade dos Studarts maiores ainda hoje considerados e dignos.

Há famílias assim que o tempo inexorável quer destruir mas a tudo resistem, firmes no culto dos seus antepassados e garantidas na sucessão viçosa de novas gerações que procuram e sabem de fato honrá-los. Certa vez, Rodolfo Teófilo me alertou que o Ceará é a terra em que os pais são ricos, os filhos nobres e os netos póbres, e o dizia para mostrar que a riqueza, não raro levando ao delírio das vaidades, pode duma hora para outra transmudar-se em desengano. Se fizessemos o balanço de muitas famílias cearenses argentosas nos antanhos, vemos que perderam aos poucos a altitude caindo até o quase nível do mar da pobreza.

Mas a dos Studarts ainda desmente bem forte, o melancólico prognóstico rodolfiano. Os netos mantêm-se nobres comò òs pais nobres souberam ser. Sobrevivem neles os avós austeros.

Estas nótulas não pretendem a biografia de Eduardo Studart a qual por certo um dia se levantará para saliência e divulgação melhor dum belo exemplo. Queremos tão só relembrar, na sua hora centenária os fulgores e virtudes de um tipo humano, que durante longos dias, longos anos de uma existência proveitosa e útil soube praticar o bem coletivo, e para os seus de sangue soube viver como devem viver os homens de coragem de caráter, de elegância moral nos procedimentos de amor do trabalho e do amor da família.

O Ceará tem a obrigação de não esquecê-lo.

(Publicado no jornal "O Povo", de Fortaleza).